

TROCANDO AS PALAVRAS: Os proclíticos em textos de vestibulandos

Monise C. Saldanha¹
Cliviane Seixas de Miranda²
Kaled Levy de Lima Pinto³

RESUMO: Analisar o uso do proclítico nas produções escritas de vestibulandos, em preparação para a prova do ENEM é o objetivo da presente investigação. A colocação pronominal, regida por regras sintáticas e fonológicas, determina a posição do pronome (próclise, mesóclise e ênclise) referendando o sujeito da oração. Daí, questionou-se: Se a prescrição da gramática normativa quanto à colocação pronominal se fundamenta no modelo do português europeu, por que o português brasileiro apresenta um padrão distinto de uso? Baseados em autores como Antunes (2003), Bechara (2009), Bagno (2009), Koch (2004), entre outros, utiliza-se a metodologia da revisão bibliográfica atrelada a pesquisa de campo de caráter qualitativo cuja ferramenta fora a aula temática, partindo do estudo de caso. A partir da pesquisa, verifica-se que o fenômeno em questão possui reflexos endógenos e exógenos, oriundos da influência da oralidade na escrita, como também da insegurança por parte do falante nativo em relação a aspectos escritos normativos da língua.

Palavras-chave: Colocação pronominal. Linguística. Proclítico. Oralidade. Norma Culta.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the use of proclitic pronouns in the written productions of university entrance exam candidates preparing for the ENEM. Pronominal placement, governed by syntactic and phonological rules, determines the position of the pronoun (proclisis, mesocclisis, and enclisis) in relation to the verb, thus referring to the subject of the sentence. When used incorrectly or omitted, it generates several communication interferences, hindering feedback between interlocutors. This research raises the following question: if the prescriptive rules of normative grammar regarding pronominal placement are based on the European Portuguese model, why does Brazilian Portuguese present a distinct usage pattern? Based on authors such as Antunes (2003), Bechara (2009), Bagno (2009), and Koch (2004), this study adopts a bibliographic review combined with a qualitative field approach, using a thematic lesson as the main tool, derived from a case study. The findings indicate that the phenomenon has both endogenous and exogenous causes, stemming from the influence of orality on writing and from the native speaker's insecurity regarding normative aspects of written language.

Keywords: Pronominal placement. Linguistics. Proclisis. Orality. Standard language.

¹ Doutora em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora substituta da cátedra de Letras da Universidade do Estado do Pará-UEPA, monise.c.saldanha@uepa.br.

² Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade do Estado do Pará-UEPA, cliviasexas16@gmail.com.

³ Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade do Estado do Pará-UEPA, kaledpinto@gmail.com.

1. FLUXOS INICIAIS NA PESQUISA

A Língua Portuguesa é rio caudaloso a correr por entre nossas veias, revela os pensamentos, expressa sentimentos, registra o passado e o lança futuro adentro, remodelando-o. “Flexionável”, Gilberto Mendonça Teles (2021, p.21-22) afirma ser: “um elástico que espicharam pelo mundo”. Entre seus fluxos, estão as colocações pronominais a despertar um mix de amor e ódio pelos falantes, motivo que leva muitos de seus nativos considerarem-na difícil.

Enquanto futuros professores de Português, nos debruçamos nas idiossincrasias gramaticais, na tentativa de apreendê-las e, “desmanchar” o nó dado por alguns falantes no elástico da língua, causando a premissa de que ela é difícil demais.

Quando questionávamos o porquê de os alunos considerarem o português difícil, seus discursos revelavam argumentos pautados na complexidade representacional: fala *versus* escrita, como os acordos ortográficos a refletirem mudanças de pronúncia da língua, ou as variantes em desuso cuja grafia da vogal átona indicavam alteração de pronúncia na escrita, dentre outras peculiaridades daquela relação, informada por Paulo Chagas (2005), em *A mudança linguística*, na perspectiva da sociolinguística variacionista.

Reflexões a conduzirem ao objetivo geral da pesquisa: Analisar o uso do proclítico nas produções escritas de vestibulandos, em preparação para a prova do ENEM. Promovidos pelos objetivos específicos: selecionar cinco redações escritas por vestibulandos no ano de 2025; observar a ocorrência, ou ausência, da próclise nas redações selecionadas; descrever como a próclise é utilizada nessas produções; contribuir com estudos na área da Linguística Textual.

Nesse sentido, buscamos responder uma das questões norteadoras, a saber: Se a prescrição da gramática normativa quanto à colocação pronominal se fundamenta no modelo do português europeu, por que o português brasileiro apresenta um padrão distinto de uso? Para isso, consideramos a seguinte hipótese: em contextos formais, como o da elaboração da redação dissertativo-argumentativa para o ENEM, a colocação pronominal mesmo apresentando flexibilidade na grade de correção, há divergências dos vestibulandos entre a norma e o uso.

2. DA NORMA AO USO: a Colocação Pronominal em destaque

A colocação dos pronomes oblíquos átonos (clíticos) é um fenômeno gramatical que tem despertado interesse nos mais distintos pesquisadores da Linguística Textual, sobretudo pela frequência de seu uso ou ausência na escrita. No Português Brasileiro, doravante PB,

quando a escrita exige formalidade, como nas redações de vestibulando, observamos um afastamento: de um lado, a gramática tradicional com suas prescrições, regras claras e, de outro, o jeito espontâneo como o idioma se deixa usar, “jogo” nem sempre bem entendido pelos falantes nativos da língua.

No bojo das discussões sobre os porquês da ocorrência, recorremos ao estudo da linguagem, num viés diacrônico, observando o caminho que o PB trilhou, resultando, ao longo do tempo, no abandono de “pequenas” palavras, as quais paulatinamente entraram em desuso. A respeito da diacronia, Manuel Said Ali (1970), na obra, *Gramática Histórica Da Língua Portuguesa*, embora não traga explícito tal conceito, como sistematizado por Saussure, desenvolve sua linha de investigação em direção ao entendimento do fenômeno em questão, informando as mudanças ocorridas de um momento a outro na história da Língua portuguesa.

No navegar da abordagem diacrônica, observamos a evolução da língua ao longo do tempo, analisando mudanças fonéticas, morfológicas e sintáticas. Said Ali (1970) defende a importância de considerar tal processo para entendermos os fenômenos linguísticos, especialmente aqueles que “transformam” variações do uso em regra. Assim, em estágios mais antigos do idioma, havia a predominância da ênclise, especialmente em contextos formais e na tradição escrita, herdadas do latim, conforme observamos abaixo:

Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. D. Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas (Machado, 1994, p. 77).

O literato Machado de Assis (1994), no trecho acima de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, utiliza a forma culta da língua, destacando o emprego de construções a partir da ênclise. Essa escolha evidencia a predominância da colocação pronominal em textos clássicos, refletindo a norma e o estilo da época. Tal ocorrência reflete o padrão de colocação pronominal consolidado a partir do século XVII, no português de Portugal, quando a gramática de prestígio passou a privilegiar a ênclise, conforme observa Ana Maria Martins (2011) em *Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino*. A autora demonstra que o português clássico não apresentava uma única regra, mas a coexistência de duas gramáticas, uma proclítica, mais popular, e outra enclítica, mais associada à escrita culta.

No início do século XVII, em Portugal, ocorre a mudança no padrão de colocação, passando a ênclise a ser mais usada nos textos pré-românticos e românticos. Essa dinâmica

ditou a tradição gramatical posterior, entretanto, no PB, a ênclise nunca prevaleceu no uso. Sendo impulsionada por fatores como a oralidade, mudanças sintáticas e a influência de construções mais “naturais” do falante brasileiro, alterando o uso da regra. Como apresenta o poeta Oswald de Andrade (2024, pg.77-78), no livro *Pau-Brasil*, poema *Pronominais*, onde releva a digressão entre norma e uso dos clíticos na língua.

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Conforme o excerto, o autor discute as relações sociais que atravessam o uso da língua: o mandatário, na figura do gramático e professor, e quem obedece, representado pelo “mulato sabido”. As arguições do citado autor demonstram a rigidez normativa da colocação pronominal, prescrita pela gramática tradicional, confrontada com a forma como as pessoas a utilizam em seu cotidiano. A suposta crítica revela um ponto central, a língua, enquanto fenômeno vivo, prioriza a comunicação e a eficiência na transmissão da mensagem, ainda que isso implique no afastamento, por parte do falante, das regras da norma. Com isso, percebemos a abordagem diacrônica, não apenas viabilizando a compreensão sobre as mudanças estruturais, como também revelando as “trocas” constantes entre norma e uso, tradição e inovação, moldando a dinamismo da língua.

A colocação pronominal, no viés diacrônico, desvela movimentos da língua para além do aspecto gramatical, pois o falante fará uso do clítico conforme suscita seu contexto de fala, seu espaço de convívio, indicando influência das variações diatópica, difásica ou diastrática, em detrimento da norma culta da língua. Sendo assim, as elucidações de Said Ali (1970), Andrade (2024) apresentam a preferência no uso oral da próclise (proclítico) pelos brasileiros, contrapondo-se ao da ênclise pelos falantes do Português europeu, doravante PE, vestígios dos costumes herdados do colonizado pelo colonizador, revelando as relações de domínio da língua.

Talvez por isso, a próclise se mantenha na oralidade conforme aparece na escrita, especialmente em construções com fatores de atração, como *palavras negativas*, a exemplo de: “*não me diga, nunca me contaram*”. Ou de pronomes relativos, como em: “*o homem que me ajudou*”, ou ainda em advérbios: “*sempre me disseram*”, conjunções subordinativas: “*quando*

me ligaram”, dentre outros exemplos de uso preconizados pela regra, mas “desobedecidos” na escrita.

Nesse sentido, ainda que a escola reforce o uso da gramática normativa, em muitos contextos, o falante trará os reflexos de estruturas e hábitos linguísticos herdados por seus pais, classe social, idade, gênero, contexto comunicativo de gerações anteriores, enquanto fruto da tradição latina, conforme abordamos no item seguinte.

2.1 PROCLÍTICOS: definição e usos

No mar das regras gramaticais, apresentamos os pronomes pessoais, subdivididos em retos e oblíquos. os primeiros são utilizados, predominantemente, como sujeito da oração, isto é, remete a pessoas gramatical eu, tu ele (singular); nós, vós eles (plural). Já os pronomes oblíquos átonos exercem a função de complementos verbais, apresentando, assim, características fonéticas particulares, a saber: não possuem tonicidade própria, apoiam-se em palavra tônica adjacente que, no geral, é o verbo, nos embasa Bechara (2009).

É de Bechara (2009) ainda a assertiva que explica que *clítico* vem do grego *klísis*, significando “inclinação”. Formas assimiladas no português, as declinações do latim indicam a palavra que se apoia ou se inclinar sobre outra, para possuir sentido. A respeito disso temos: “Ela me ajudou”, onde o clítico “me”, é hospede no verbo “ajudou”, exercendo a função de complemento sem preposição, neste caso de objeto direto, para completar o sentido da frase.

A norma culta em relação ao uso da próclise é discutida pelo professor Marcos Bagno (2009), em *A norma culta: Língua e poder na sociedade brasileira*, ressalta haver uma ruptura, pois na oralidade, a colocação pronominal obedece a padrões de uso que vão de encontro a norma culta, indicando arcaísmo linguístico. De igual modo, Marcuschi, Fávero, Andrade e Aquino (2000), bem como Koch (2005), explicam o suposto distanciamento do oral para o escrito, no que concerne ao uso da norma culta. Assim, quando se trata do uso da próclise, em sentido coloquial, ele denota a dinamicidade interativa e situada no uso social dos requisitos comunicativos do signo linguístico, posto que:

a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso (Marcuschi, 2010, p. 21).

No trecho acima, Marcuschi (2010) nos leva a entender que a oralidade, enquanto fenômeno variável, é capaz de assumir desde um tom informal, até registros mais formais de comunicação, como em discursos, entrevistas ou apresentações acadêmicas. O que evidencia a influência do contexto social e da intenção comunicativa do falante, enquanto reflexo no uso dos proclíticos, mostrando a não existência um único “modo de falar”. Mas, sim, um repertório mobilizado conforme a situação comunicativa.

No mais, as relações e influências exógenas que a língua recebe, acima mencionadas, se nem sempre estão claras para alguns pesquisadores da área, quiçá para falantes nativos da língua. Assim, a falta de clareza, influiria em uma das inquietações a nortear a pesquisa, a saber: Se a prescrição da gramática normativa quanto à colocação pronominal se fundamenta no modelo do português europeu, por que o português brasileiro apresenta um padrão distinto de uso? Cujas respostas ressoariam justamente no descompasso: a norma culta não representa a oralidade, e tampouco pretende representá-la ou mesmo dá conta das nuances expressivas manifestadas pelo falante, tendo em vista que ela compõe apenas uma parte da modalidade comunicativa da língua – a escrita. E, assim, o uso da próclise seria um dos exemplos clássicos da “falta” de domínio do falante em relação às regras da língua, ou ainda da distinção, por parte deste de que oralidade e escrita são vértices distintos do mesmo processo comunicativo.

Acrescentamos ainda ao bojo das discussões o que Bagno (2011) informa acerca da rigidez das regras da gramática normativa referente a colocação pronominal, enfatizando o fato de a fala cotidiana e a escrita informal frequentemente apresentarem variações, o que o impulsiona a dizer que a colocação pronominal deva ser compreendida como fenômeno de variação linguística, posto refletir mudanças históricas, diferenças estruturais entre o PB e o PE, entre outros fatores de uso da língua.

Na obra *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, o citado autor reforça que as normas gramaticais frequentemente impõem padrões artificiais ao uso da língua, desconsiderando as maneiras espontâneas de expressão dos falantes brasileiros. Destacando o uso predominante da próclise no PB, diferentemente do PE, onde a ênclise se mantém mais produtiva. Ainda sobre o assunto, Bagno (2011, p. 184) dispõe:

A gramática tradicional, baseada em modelos europeus, insiste na obrigatoriedade da ênclise em contextos nos quais a fala brasileira naturalmente recorre à próclise. Essa imposição normativa resulta em uma visão equivocada da estrutura sintática do português do Brasil.

Conforme pontuado a cima, Bagno (2011) defende que o ensino da gramática deve levar em consideração a realidade linguística do falante e não apenas reproduzir normas herdadas de modelo europeu, longe da relação práticas linguísticas executada no Brasil.

Portanto, ao relacionar as perspectivas de Bagno (2011) e Antunes (2003), compreendemos que o ensino da gramática deve ser concebido como prática contextualizada, vinculada às situações reais de uso da língua e orientada para a formação de sujeitos capazes de interagir de maneira crítica e significativa. Assim, ações que serão investigadas a partir da abordagem metodológica, visam analisar redações seguindo os passos necessários para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das redações é executada em três etapas: descrição dos clíticos, com exemplos dos textos investigados, descrição da pessoa corresponde ao clítico, o motivo da sua colocação correta ou incorreta segundo a norma e, por último, a discussão fazendo relação com autores já referenciados.

Como base para a investigação, este é o momento em que analisaremos o *corpus* investigativo, composto por 05 (cinco) produções textuais obtidas no dia 03 de abril de 2025. Eles foram selecionados com base em dois critérios: a quantidade de clíticos empregados e a ausência de clíticos em construções cujo uso seria possível. Do universo das redações analisadas, encontramos uso da norma culta relacionado a próclise, conforme ilustrado na figura abaixo:

Figura 01: Texto 01

FOLHA DE REDAÇÃO	
1	Tomando como partida a célebre canção de Alcione, chamada "Não deixo o nome meu", cujo expressa uma relação de preservação cultural. Nos
2	diis atuais, de pode relacionar a música também para a importância da
3	preservação do patrimônio público no Brasil. Logo, de estabelece a intensa relação
4	entre a falta de conhecimento e o descaso governamental com o patrimônio
5	Em primeira análise, pode-se destacar como a falta de conhecimento tem intrínseca
6	relação com a preservação do patrimônio público. Nesse sentido, de destaca a importância
7	
8	

Fonte: Pesquisa de campo, Santa Izabel, UEPA/2025.

O primeiro texto analisado é o texto 01, produzido pelo Sujeito 01. O clítico utilizado pelo Sujeito 01 foi a partícula *se*, referente à 3ª pessoa do discurso (singular e plural).

No texto produzido observamos 03 (três) ocorrências da próclise: *Nos dias atuais, se pode relacionar* (linhas 2 e 3), *Logo, se estabelece a situação* (Linha 4) e *Nesse sentido, se destaca o afamado evento* (linha 7). Por escolhermos a perspectiva moderna de análise, isto é, a abordagem dos gramáticos e linguistas citado no corpo da pesquisa, entendemos que os casos acima fazem parte do uso da variação pronominal empregado pelo falante brasileiro. Nesse sentido, apresentamos hipóteses como supostas explicações dessas colocações.

A primeira é a discussão entre os gramáticos modernos os linguistas, podendo destacar alguns gramáticos como Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2016), que evidenciam o uso correto da próclise nos trechos acima. Nos exemplos da linha 3 e 4, há um adjunto adverbial de tempo - *Nos dias atuais*. Esse adjunto exerce força atrativa sobre o pronome *se*. Na perspectiva conversadora: alguns dizem que a vírgula marca o fim da oração anterior, e o verbo seguinte inicia a nova oração, exige ênclise. No entanto, gramáticos modernos aceitam a proclítica após o advérbio com vírgula. Bechara (2009), Cunha e Cintra (2016), afirmam que a vírgula não anula a força atrativa do adversário, a próclise é válida, mesmo após a vírgula, desde que o advérbio exerça força atrativa sobre o verbo.

O mesmo ocorre no exemplo da linha Linha 4 - *Logo, se estabelece a situação*. Aqui o adjunto adverbial *logo* exerce força atrativa sobre o pronome, promovendo o correto uso da próclise. Isso pode ser interpretado como uma característica da sintaxe brasileira: a próclise tende a ocorrer sempre que há qualquer elemento que antecede o verbo, o que reflete a preferência do português brasileiro pela próclise, enquanto o português europeu é mais enclítico.

A segunda são os fatores da oralidade. Como hipótese, o sujeito 01 manifesta o uso da próclise porque, no seu cotidiano, a utilização oral é marcada com essa colocação. Ao ser orientado a fazer textos que exigem a gramática, o sujeito 01 apenas prossegue com o padrão adquirido na oralidade. Nesse sentido, como apresentado no decorrer do texto, Bagno (2009), destaca que a rigidez das regras de colocação pronominal, herança de um padrão lusitano não assimilado pela variedade brasileira, gera um "abismo" entre a gramática ensinada, pelos conservadores, e a linguagem viva, fazendo o falante, consciente de sua "não conformidade", opte por evitar as estruturas que lhe parecem arriscadas ou não habituais.

O "abismo" proposto por Bagno (2009), evidencia o fato de que as regras gramaticais estabelecem modelos inutilizados para o uso da língua, ignorando as formas "naturais" de manifestação dos falantes brasileiros, gerando "oscilação" no uso da regra, ora espontâneo ora monitorada. A oscilação observada, entre a próclise espontânea e o equívoco no uso da norma, segundo alguns gramáticos conservadores, reflete, conforme argumenta Bagno (2011), a tensão

entre a norma institucionalizada e a competência linguística real do falante, sugerindo que o acerto isolado resulte menos de uma assimilação orgânica da regra e, mais de um esforço consciente, e muitas vezes inseguro, de adequação a um modelo percebido como "correto", mas externo as suas práticas comunicativas cotidianas.

Além dos fatores normativos e da influência da oralidade, é possível observar também os efeitos estilísticos e discursivos decorrentes do uso da próclise. Quando empregada em posição inicial, a próclise confere ao texto maior fluidez e naturalidade, aproximando a escrita do ritmo da fala e produzindo um efeito de espontaneidade típico do português brasileiro. Em contrapartida, a ênclise, como em *destaca-se* ou *estabelece-se*, tende a soar mais formal e distanciada, remetendo ao estilo característico dos textos portugueses e a uma tradição literária mais rígida. Dessa forma, o uso da próclise pelo Sujeito 01 pode ser interpretado não apenas como reflexo de uma estrutura linguística internalizada, mas também como uma escolha discursiva que reforça a naturalidade expressiva do português do Brasil.

Sendo assim, os dados analisados não apontam para desconhecimento da regra, mas para a hegemonia do uso no PB oral sobre a gramática normativa aprendida, especialmente da perspectiva dos conservadores. A escrita formal, nesse caso, torna-se um palco em que se evidencia a tensão entre duas variedades linguísticas em contato no repertório do falante, mostrando que o sujeito sofre a influência da oralidade e privilegia o uso da próclise. As ocorrências da próclise nos exemplos citados refletem um traço sintático característico do português brasileiro, em que a atração pronominal por advérbios iniciais se mantém mesmo após pausa marcada por vírgula.

4. TROCANDO AS PALAVRAS: os passos da investigação

4.1 Tipo de pesquisa

A metodologia utilizada é a bibliográfica que segundo Severino (2013), no livro *Metodologia do trabalho científico*, se refere a registros já disponíveis, advindos de documentos impressos, como livros, artigos, teses. Severino (2013) ressalta o caráter essencialmente dialógico da pesquisa científica. Nenhum estudo parte do vazio: todo pesquisador se apoia em dados, conceitos e categorias teóricas já explorados e registrados por outros.

Para a presente pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, conforme fundamentada por Uwe Flick (2009), na obra *Introdução à pesquisa Qualitativa*, configura-se como uma abordagem metodológica que prioriza a compreensão aprofundada dos

fenômenos. Diferentemente de métodos quantitativos, os quais buscam generalizações e relações expressas por dados numéricos, a pesquisa qualitativa enfoca a complexidade e a contextualização dos casos estudados. A variedade de abordagens qualitativa entre os aspectos centrais que a caracterizam, destacam-se: (1) apropriabilidade de métodos e teorias; (2) a valorização das perspectivas dos participantes; (3) a reflexividade do pesquisador; e (4) a utilização de textos como material empírico principal. (Flick, 2009, p. 23).

2.2 Ferramenta da pesquisa

Por se tratar de uma investigação fundamentada na Linguística Textual, utilizamos a aula temática como ferramenta para a coleta dos dados. Essa modalidade de aula funciona como estratégia de mediação da aprendizagem, caracterizando-se pela exposição organizada de um tema específico, na qual o pesquisador recorre a recursos visuais, atividades dinâmicas, produções textuais e outras práticas didáticas para promover a transmissão do conteúdo.

Nesse sentido, os dados foram obtidos a partir da aula ministrada no dia 27 de maio de 2025. Visitamos a turma, com a aplicação da aula sobre o gênero textual dissertação-argumentativa. No primeiro momento da ministração, apresentamos a estrutura do texto segundo a ⁴Cartilha do ENEM.

A começar pela estrutura da introdução, composta por um parágrafo de até 6 (seis) linhas, subdividido com os seguintes períodos: Contextualização (Repertório sociocultural), Apresentação do tema e Teses. Seguindo com o parágrafo de desenvolvimento, tendo a seguinte estrutura: Conectores, Tópico frasal, Repertório, Argumentação (Causa e Consequência). Finalizando com a proposta de intervenção, com a ⁵estrutura: Agente; Ação; Modo Meio e Detalhamento. No segundo momento da aula, foi realizada a exposição sobre a Grade de Correção do ENEM.

No terceiro momento, após a aula teórica, em 1 (um) hora e 30 (trinta) minutos, propusemos a construção da redação, com a exigência de seguir a estrutura e a ⁶grade de correção do ENEM,

⁴ A Cartilha do Participante do ENEM é um material oficial elaborado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) para orientar os candidatos que vão fazer o exame.

⁵ A cartilha do participante exige a proposta de intervenção com 5 elementos, sendo eles: agente, ação, modo/meio, efeito/finalidade e detalhamento).

⁶ Na Grade de correção do ENEM 2024 apresenta essas regras para o uso dos clíticos:

O uso de pronomes clíticos é avaliado pela adequação sintática e transitividade verbal, não apenas pela posição na frase; Trocar pronome de objeto direto por indireto (ou vice-versa) é erro gramatical (Competência I); Ênclise (ex.: “não quis ajudá-la”) não é penalizada, mesmo após advérbio de negação; Uso do pronome tônico no lugar do átono (ex.: “dar a ela” em vez de “dar-lhe”) também é aceito; O ENEM adota postura menos prescritiva, priorizando clareza, correção sintática e variação legítima do português brasileiro.

a temática solicitada foi: “A importância da preservação do patrimônio público no Brasil”. Desses textos foram selecionadas 5 redações para a realização da análise.

2.3 *lôcus*

O *lôcus* da pesquisa foi a instituição particular de ensino denominada de: Centro Educacional Rita Maia - CERM, situada no município de Santa Izabel do Pará, no bairro Triângulo, área metropolitana da cidade de Belém. O CERM carrega vasta história de dedicação para com a educação isabelense, sendo a primeira escola particular do município, fundada pela saudosa professora Rita Maia, em março de 1980, tendo hoje 45 anos.

Atuando nas modalidades Educação infantil, Ensino Fundamental e médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino, a escola possui vasto espaço, composto por: 01 quadra poliesportiva, ampla, coberta, com traves e redes em bom estado de uso, tendo passado por reforma recente. No *lôcus* encontramos ainda o espaço de lazer para criança e uma área de convivência, além de lanchonete, secretaria e recepção. Havendo ainda 03 banheiros internos, 08 salas de aula, refrigeradas, com quadro branco magnético, com carteiras em bom estado de uso e conservação, sendo suficientes para o número de alunos que atende.

Sendo atualmente administrada pela família Maia, a escola é considerada de médio porte, atendendo cerca de 500 alunos, conforme censo escolar de 2025. Tem por entidade mantenedora a própria família Maia.

2.4 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são alunos do 3º ano do Ensino Médio, com idades entre 16 e 19 anos. A turma é composta por 17 (dezessete) discentes, sendo 9 (nove) do sexo masculino e 8 (oito) do sexo feminino. Os sujeitos da pesquisa serão identificados como **Sujeito 01**, referente ao **texto 01**. **Sujeito 02**, referente ao **texto 02**. **Sujeito 03**, referente ao **texto 03** e, assim, sucessivamente.

Como base para o estudo, constituímos o *corpus* investigativo composto por 17 (dezessete) redações produzidas por vestibulandos em preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicadas no dia 03 de abril de 2025. Do total coletado, foram selecionadas para análise 05 (cinco) produções. O critério de seleção adotado fora a da quantidade de clíticos empregados de forma inadequada em relação à norma culta e a ausência de clíticos em construções, a qual o uso seria possível.

Os sujeitos foram abordados da seguinte forma: Inicialmente, como pesquisadores, apresentamo-nos formalmente à turma. Seguindo da explicação dos passos metodológicos da pesquisa para todos os participantes de modo a garantir a compreensão e a transparência do processo investigativo, além disso evidenciamos que os sujeitos participantes não seriam identificados por questões éticas.

Informamos, ainda, que todos os alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio poderiam participar, sem critérios de exclusão, assegurando a integralidade da amostra. A seleção contemplou, portanto, a totalidade dos 17 (dezesete) discentes, entre 9 homens e 8 mulheres, garantindo representatividade e validade ao estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar o uso da próclise em textos de vestibulandos, para a prova do ENEM, no ano de 2025, evidenciando a complexidade e o funcionamento inerentes à colocação proclítica no português brasileiro. Os resultados apontam para fatores determinantes dos desvios, tais como: a influência da oralidade, o desconhecimento da norma e o tempo de produção dos textos, por parte dos estudantes. Tal fenômeno, longe de ser considerado um erro, reflete a constante interação entre as normas linguísticas e o uso efetivo da língua.

A pesquisa mostrou como a norma, muitas vezes, não acompanha a velocidade e a adaptabilidade da língua falada, gerando um descompasso podendo levar à insegurança e à inadequação no emprego dos proclíticos. Portanto, esta pesquisa reforça a importância de um ensino de gramática o qual assegure o domínio do uso dos clíticos, em especial da próclise, como marca de precisão e adequação à norma padrão, requisito relevante para a produção de textos formais em contextos acadêmicos e em exames seletivos como o vestibular.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. de. **Pau Brasil**. São Paulo: Clube de Autores, 2024.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um letramento linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ASSIS, M. de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.



BAGNO, Marcos. **A norma culta: Língua e poder na sociedade brasileira.** 8ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37ª. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BILAC, Olavo. Língua Portuguesa in Tarde. Jandira, SP. 2023.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2005.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2000.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 8ª. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MILANI, S. E. **Gramática histórica e dialetologia do português do Brasil.** 1ª. ed. Goiânia, GO: Kelps, 2022.

ALMEIDA, A. M. de. **Gramática latina: curso único e completo.** 29ª. ed. 4. tiragem. São Paulo: Saraiva, 2000.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 7ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.